

A TRANSITIVIDADE: DA VISÃO TRADICIONAL AO FUNCIONALISMO

Aline Moraes Oliveira*

Resumo: Neste estudo, observaremos a contribuição da gramática tradicional, da gramática de valências para a descrição do fenômeno da transitividade; e por fim, adotaremos a perspectiva funcionalista de análise, que concebe a transitividade não como uma propriedade intrínseca do verbo enquanto item lexical, mas como um complexo de dez parâmetros sintático-semânticos independentes, que focalizam diferentes ângulos da transferência da ação em uma porção diferente da oração. Muitos autores consideram a transitividade apenas uma propriedade verbal. Diferentemente dessa visão, o modelo teórico norteador deste trabalho, concebe a transitividade como uma propriedade que se manifesta ao longo do discurso. Adotaremos os dez parâmetros sintático-semânticos interdependentes defendidos por Hopper e Thompson (1980). Para empreendermos a análise utilizaremos relatos de opinião que fazem parte do corpus do D&G.

Palavras-chave: Transitividade. Funcionalismo. Gênero Textual. Relatos de Opinião.

Abstract: In this study, we observe the contribution of traditional grammar, valency grammar for describing the phenomenon of transitivity, and finally, we will adopt the functionalist perspective of analysis. Many authors consider the transitivity property just a verbal. Unlike this view, the theoretical model guiding this work, conceived as a transitivity property which manifests itself throughout the speech. We will adopt the ten parameters syntactic-semantic interdependent defended by Hopper and Thompson (1980). To undertake the analysis will use reports of the opinion that part of the corpus of D & G.

Keywords: Transitivity. Functionalism. Text Genre. Opinion Reports.

A transitividade: da visão tradicional ao funcionalismo

Nesta pesquisa estabelecemos um paralelo de abordagens sobre a transitividade - contrapomos as perspectivas: tradicional, valencial e funcionalista. O nosso objetivo de trabalho é mostrar que a vertente funcionalista norte-americana, a partir de sua concepção de língua, apresenta um tratamento diferenciado à questão da transitividade, levando em consideração aspectos relacionados à intencionalidade discursiva. Além disso, objetivamos aplicar a textos opinativos, os parâmetros trabalhados por Hopper e Thompson (1980) em textos narrativos, observando os graus de transitividade e as ocorrências de figura e fundo.

A nossa hipótese é que os textos opinativos, relatos de opinião do *corpus* Discurso e Gramática (D&G), não apresentam o mesmo comportamento que os textos narrativos, ou seja,

* Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, Brasil. Agradece a PETROBRÁS e a CAPES pelo incentivo financeiro durante a realização do mestrado. Endereço eletrônico: alinemoraesoliveira@gmail.com. Orientação: Prof^a Dr.^a Lúcia Helena Peyroton da Rocha.

os textos narrativos trazem a marca de figura nas cláusulas que apresentam maior grau transitividade e a marca de fundo, nas que apresentam menor grau de transitividade. Isso se justifica por uma série de fatores, por exemplo, por conta do aspecto do verbo.

A transitividade verbal *lato sensu* é uma questão bastante controversa em manuais de gramática da língua portuguesa. É um fenômeno rico e complexo, por isso continua sendo alvo de grandes reflexões ainda hoje. O estudo de verbos vem sendo desenvolvido ao longo de muitos anos por gramáticos e linguistas, e mesmo assim percebemos que existem muitos problemas no que tange ao ensino de língua materna e a uma descrição ou análise mais criteriosa de verbos.

Conceituar a transitividade verbal é tarefa tão árdua quanto a de definir o funcionalismo. Isso pode ser justificado pelos vieses adotados por aqueles que se dedicaram a esse assunto. É sabido que mesmo as abordagens dos gramáticos de orientação tradicional apresentam divergências. Portanto, uma compreensão e descrição do fenômeno da transitividade exige de qualquer linguista uma adoção de critérios claros para a análise que se pretende empreender.

Mesmo em nossos dias, conceitos muitos semelhantes aos dos alexandrinos e latinos são encontrados em gramáticas tradicionais; a abordagem prescritiva da língua é um dos motivos pelos quais esse tipo de gramática vem sendo criticado. O que não tira o mérito de seu conteúdo, pois é a partir desse material que podemos entender a forma como a língua tem sido abordada durante séculos e, ainda, a forma como a língua vem sendo ensinada aos estudantes de diferentes níveis.

A relação entre a gramática tradicional e sua abordagem prescritiva evidencia o porquê de receber tantas críticas a forma como a transitividade verbal é tratada nessas gramáticas. Fato é que a concepção de transitividade verbal nas gramáticas tradicionais mistura conceitos semânticos e formais.

Dessa maneira, tendo em vista a multiplicidade de abordagens sobre os verbos e a pouca abrangência desse estudo nas gramáticas de língua portuguesa, surgiu a necessidade de realizar um estudo que mostre com clareza e profundidade a questão.

A partir das proposições de Saussure, muitos linguistas passaram a criticar a gramática tradicional e suas definições vacilantes porque a definição da *língua* já não era satisfatória. A partir dessas inquietações, estudar os fenômenos linguísticos passou a ter a qualidade de ciência empírica. Dessa forma, explicações imprecisas já não tinham tamanho espaço.

Conforme sabemos, muitos gramáticos tradicionais classificavam os verbos intransitivos como sendo verbos de predicação completa, classificação essa que obedece a um

critério semântico. Todavia, a definição de verbos transitivos indiretos é feita através de um critério formal, ou seja, um verbo transitivo indireto é aquele que necessita de um objeto introduzido por uma preposição.

Seguindo esse espírito investigativo, Perini (2001) não classifica os verbos em transitivos e intransitivos, mas sim em verbos que exigem, recusam ou aceitam livremente complementos.

De acordo com Perini (2001), os complementos verbais importantes para definir a transitividade verbal seriam: objeto direto, complemento do predicado, predicativo e adjunto circunstancial. A partir desses quatro complementos, Perini (2001) apresenta onze matrizes verbais representativas da transitividade dos verbos portugueses. Dentro dessa proposição, os verbos não são mais classificados em transitivos ou intransitivos, mas sim, em verbos mais transitivos ou menos transitivos.

A gramática de valências trabalha com o princípio da centralidade do verbo e entende que o verbo seleciona seus argumentos. Desenvolvimento da gramática de dependências, a *Gramática de Valências*, tem como ponto de partida de sua análise aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos do verbo. O verbo é considerado como centro dinâmico da frase pela gramática de valências e os elementos que dele dependem são tratados sob a ótica sintática e semântica, tendo como prismas de análise a sintaxe e a semântica. Não podemos deixar de acrescentar que, de acordo com Borba (1996, p. 16), “o ponto de partida da valência verbal é a consideração do verbo como unidade lexical portadora de características morfológicas tais que permitem isolá-lo numa seqüência.” A perspectiva valencial considera existir uma relação de dependência entre os elementos constituintes da frase, fenômeno que também é conhecido como co-ocorrência, ou seja, a possibilidade de um elemento ocorrer depende de outro elemento e pressupõe a sua presença.

Borba (1996) ressalta que a valência vem a ser uma rede de dependências contraídas pelos actantes com relação ao verbo e que essa dependência se estabelece, portanto, em nível sintático. Podemos dizer que a valência é entendida como uma rede de relações abstratas em torno de determinadas palavras e também os grupos de palavras, que são equivalentes a palavras.

Partindo da concepção de valência até aqui arrolada, podemos dizer que os complementos do verbo, por exemplo, “não são designados lexicalmente no próprio verbo, fora do seu uso na frase: são apenas apresentados como lugares vazios a ser preenchidos lexicalmente na frase”. E que os actantes são “as expressões que na frase correspondem aos lugares vazios dos lexemas”. A valência, portanto, se estabelece também em nível lexical

(BUSSE; VILELA, 1986, p. 13-14).

Acrescentamos ainda que para a gramática de valências, o verbo tem função central na frase, ou seja, desempenha a função predicativa, determinando sintática e semanticamente a estrutura básica da frase. Nesse sentido, sua representação semântica é vazia. Em outras palavras, o verbo só é preenchido semanticamente na frase através da inserção das expressões actanciais, resultando em funções relacionais semânticas. É o verbo que determina o número e as propriedades morfo-sintáticas e semânticas dos actantes, que atualizam, na frase, esses lugares vazios.

É o verbo “que determina quais as possibilidades permitidas ou excluídas para cada um dos seus actantes” (BUSSE; VILELA, 1986, p. 45). Dessa maneira, o verbo configura e representa uma classe de estados de coisas através de um quadro de lugares vazios; os actantes estabelecem relações semânticas com o verbo; e, é o verbo que determina a classe semântica dos termos que preenchem seus lugares vazios.

A teoria funcionalista trata a transitividade a partir do estudo da cláusula e não somente centrada no verbo, ou seja, essa teoria entende que o estudo da transitividade é uma maneira de se entender como o discurso pode ser organizado de modo a tornar a mensagem mais compreensível ao receptor da mensagem e de se entender a visão de mundo do emissor.

Como asseguram Furtado da Cunha e Souza (2007, p. 7), “a transitividade tem sido investigada sob diferentes olhares teóricos, afiliados a correntes formalistas ou funcionalistas”. As lingüistas discutem a transitividade, dentro da perspectiva funcionalista, porque

no âmago do funcionalismo está a defesa da posição de que a estrutura reflete e é motivada pela função: formas desempenham papéis no discurso, fato que, para os funcionalistas, está subjacente à organização gramatical da língua (...) estudos que se filiam ao funcionalismo buscam identificar as múltiplas possibilidades de manifestação da transitividade em contextos variados de uso da língua, averiguando as motivações funcionais (semântico-pragmáticas, sociais, cognitivas) subjacentes a cada situação” (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2007, p. 7).

A teoria funcionalista norte-americana, que vê o fenômeno da transitividade como “uma propriedade contínua, escalar (ou gradiente), da oração como um todo. É na oração que se podem observar as relações entre o verbo e seu(s) argumento(s) – a gramática da oração” (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2007, p. 29). Por concordamos com essa perspectiva funcionalista, adotamos nessa investigação a proposição de Hopper e Thompson (1980) de que “a transitividade é um complexo de dez parâmetros sintático-semânticos independentes,

que focalizam diferentes ângulos da transferência da ação em uma porção diferente da oração” (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2007, p. 37).

O estudo da transitividade passou, a partir desses parâmetros, a ser observado em termos de gradiência que a oração pode assumir em termos de transitividade, sendo esta, portanto, entendida como um fenômeno escalar, que se dá em um *continuum*. Por essa proposta, quanto mais a oração estiver identificada com os traços da coluna à esquerda da tabela que segue (Tabela 1), maior será a transitividade. Hopper e Thompson (1980) assim propõem os parâmetros:

TABELA 1 - PARÂMETROS DE TRANSITIVIDADE PROPOSTOS POR HOPPER E THOMPSON (1980).

características	transitividade alta	transitividade baixa
participantes	dois ou mais participantes A e O	um participante
chinesa	ação	não-ação
aspecto do verbo	perfectivo	não-perfectivo
punctualidade do verbo	punctual	não-punctual
intencionalidade do sujeito	intencional	não-intencional
polaridade da oração	afirmativa	negativa
modalidade da oração	modo <i>realis</i>	modo <i>irrealis</i>
agentividade do sujeito	agentivo	não-agentivo
afetamento do objeto	afetado	não-afetado
individação do sujeito	indivíduo	não-indivíduo

Não podemos dizer que uma cláusula é transitiva ou intransitiva, visto que o verbo não é parâmetro em si. Dessa forma, cada parâmetro contribui para a ordenação das cláusulas numa escala de transitividade; e as cláusulas podem ter uma transitividade mais baixa ou uma transitividade mais alta, de acordo com a classificação atribuída a cada parâmetro na análise da cláusula. Vale ressaltar que a proposta desses dez parâmetros foi feita a partir de análises em textos tipologicamente narrativos.

Entendemos que uma das razões da análise da transitividade é a função pragmática de princípio funcionalista:

o grau de transitividade de uma cláusula reflete, em parte, a maneira como o falante ou escritor estrutura o discurso para atingir o propósito comunicativo e, além disso, a percepção das necessidades do interlocutor. Assim, para que haja uma comunicação satisfatória, cabe ao emissor orientar o receptor na maneira como organiza o discurso (ALBANI, 2007, p. 25).

Supomos que, nos relatos de opinião, a noção de figura apresentar-se-á ou logo no

primeiro plano, ou seja, aparecerá numa posição topicalizada, exercendo a função de tema – que é parte de um enunciado identificado gramaticalmente ou por elementos contextuais, sobre o qual o restante do enunciado faz uma declaração (ou comentário, podendo ou não exercer a função de sujeito da frase), ou nas cláusulas que apresentam um baixo grau de transitividade.

A partir das 16 análises empreendidas na dissertação, percebemos que nossa hipótese se confirma. Com o objetivo de ilustrar nossa confirmação de hipótese, observemos a análise do relato do informante 12 – Dario.

Informante 12 – Dario

1. Os políticos não fazem nada
2. só querem ganhar dinheiro na custa dos outros
3. sem se preocupar com a situação do povo,
4. pois so pensão em si proprio.
5. (Eu acho que) isso não vai melhorar nunca
6. se continuar no jeito que está.

Aplicação dos parâmetros

TABELA 2 – INFORMANTE 17: DARIO.

Cláusulas	Part.	Cin.	Asp.V	Punct.V	Int.Suj.	Polar.Or.	Mod.Or.	Ag.Suj.	Af.Obj.	Ind.Obj.	T
1	+	+	-	-	+	-	+	-	+	-	5
2	+	-	-	-	+	+	+	+	-	+	6
3	+	+	-	-	+	-	-	+	+	-	5
4	-	+	-	-	+	+	+	-	-	-	4
5	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	1
6	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	1

Nesse exemplo, a tese foi apresentada no final do texto e, o embasamento, a introdução da idéia foi feita ao longo do texto. Podemos perceber que a transitividade, de fato,

é escalar. Nos demais relatos, verificamos um comportamento semelhante.

Por conta do gênero textual analisado na dissertação, que deu origem a este artigo, lançaremos mão tanto das proposições de Hopper e Thompson (1980), como das proposições de Silveira (1990). Percebemos que os valores mais baixos da escala de transitividade representam as cláusulas que trazem informações mais categóricas, ou seja, parece-nos que, de fato, a verdadeira opinião do informante encontra-se centrada nas cláusulas que apresentam um menor grau de transitividade. Também observamos que, a partir da ideia central lançada, outras ideias são agregadas a ela dando sequência ao que foi explicitado, para sustentar a sua argumentação. Dessa maneira, nas porções que representam a figura, estaria a tese – uma proposição que se apresenta ou expõe para ser defendida; e, nas porções que representam o fundo, estaria a sequência, o decoro – assim como mostra o texto do informante Dario.

Reconhecemos que não podemos considerar que o fenômeno observado por Hopper e Thompson (1980) se repete aqui. Entendemos que existem diferenças semelhanças e diferenças significativas, a começar pelos valores de transitividade das cláusulas encontrados. Nos textos narrativos, as cláusulas apresentam uma transitividade extremamente alta, enquanto que nos relatos de opinião, a transitividade das cláusulas é extremamente baixa. Não podemos estabelecer, como Hopper e Thompson (1980), uma relação direta de alta transitividade – figura, baixa transitividade – fundo. Podemos entender que existem cláusulas que têm uma transitividade um pouco mais elevada das demais, mas se comparadas com a transitividade de textos narrativos seriam consideradas fundo.

Na nossa ambiência de análise, portanto, a figura está na tese apresentada e o fundo está na sustentação dos argumentos, das idéias apresentadas. Normalmente, a tese é apresentada, justamente, nas cláusulas que apresentam menor transitividade, ou ainda, no início da produção do texto – o que é menos comum, visto que, em sua maioria, os entrevistados, iniciam sua produção a partir do que foi apresentado, portanto não há emissão de opinião.

Reflexões finais

Pela pesquisa empreendida até o momento, podemos perceber que o excesso de regras, definições e nomenclaturas são marcas deixadas pela lógica aristotélica. Notamos, ainda, que pouco destaque ganharam os verbos e que é nítida a falta de privilégios dos valores semânticos inerentes a eles.

Importante é dizer que estudos do histórico da linguagem com um olhar mais voltado para as questões filosóficas nos ajudam a compreender melhor a tradição de definir os fatos da língua, o que também é resquício aristotélico. A partir da obra *A Gramática: história, teoria e análise*, de Neves (2002), é possível entrever a história da tradição gramatical e as teorias linguísticas relativas ao seu desenvolvimento. Contemplada também é a teoria de valências do verbo, comparando as propostas de L. Tesnière com as de outros linguistas.

Com a finalidade de introduzir o estudo da sintaxe, o verbo passou a ser a estratégia mais convincente, para professores e para os alunos. A rotina na sala de aula permitiu-nos constatar que muitos exemplos de frases apresentadas pelos próprios alunos ou mesmo por outros professores, não correspondiam ao que era proposto nos livros didáticos e nas gramáticas tradicionais. Fora do espaço escolar também é possível notar essas questões referentes à transitividade: por exemplo, quando circulamos nas ruas e deparamo-nos com placas e panfletos, em que os verbos aparecem ora como transitivos – diretos ou indiretos, ora como intransitivos, ou ainda, quando visitamos sítios da *Internet*, tal manifestação fica evidente. Seguem exemplos extraídos da *web*, em que aparecem o verbo *namorar*, sendo utilizado não como rezam os manuais tradicionais de língua portuguesa. Vejamos.

Tenho 16 anos e *namorava com* um rapaz de 19 anos até ele receber seu chamado pra missão, foi quando terminamos por esse motivo.¹

E a irmã do Douglas Viscaíno, que era mais velha, *namorava com* um cara que, por coincidência, morava no final da minha rua. (...). E esses discos todos ficavam na casa do Douglas, porque o cara *namorava com* a irmão dele.²

Sandip *namora com* a estrela do cinema indiano Jesse Randhawa.³

Uma possível maneira de reduzir essas dúvidas geradas pelas abordagens que vimos, até aqui, seria tratar a transitividade no âmago do funcionalismo. Dentro dessa visão está a defesa da posição de que a estrutura reflete e é motivada pela função: formas desempenham papéis no discurso, fato que, para os funcionalistas, está subjacente à organização gramatical

¹ Disponível em: http://www.allaboutmormons.com/Questions/16_anos_namorava_rapaz_19_PORT_195.php. Acesso 09 de janeiro de 2009.

² Disponível em: <http://www.gafieiras.com.br/Display.php?Area=Entrevistas&SubArea=EntrevistasPartes&ID=39&IDArtista=38&css=1&ParteNo=5>. Acesso em 09 de janeiro de 2009.

³ Disponível em: http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2009/01/46741-hacker+invade+o+site+oficial+da+cantora+britney+spears.html. Acesso em 09 de janeiro de 2009.

da língua.

A visão tradicional circunscreve a transitividade ao verbo, sem levar em consideração as próprias motivações discursivas, manifestadas no quadro de traços sintático-semânticos formulado por Hopper e Thompson (1980): o número de participantes envolvidos, a ideia de ação, o aspecto perfectivo ou não perfectivo do verbo, a punctualidade do verbo, a intencionalidade do sujeito, a polaridade da frase, o modo *realis* ou *irrealis*, a agentividade do sujeito, a individuação e o afetamento do objeto.

Para o modelo teórico adotado neste trabalho, a transitividade não é uma propriedade restrita ao verbo, mas presentificada no *continuum* de sentidos em construção, cuja codificação se dá motivada por intenções discursivas. Logo, diferentemente do modelo formalista, o funcionalismo linguístico entende a transitividade como uma propriedade escalar, posto que as construções de uma língua apresentarão graus diferenciados de transitividade, não havendo, portanto, espaço para se opor binariamente e sumariamente transitividade à intransitividade.

Dessa forma, a transitividade poderá ser uma questão de ensino, na medida em que se acredita na existência de um sistema linguístico e em sua estabilidade ainda que atualizado por meio do uso, discussão apresentada por Souza (2008), no capítulo *Transitividade: uma questão para o ensino?*, da obra *(In) transitividade na perspectiva funcionalista da língua*, de Amorin e Rocha (2008).

Referências

- ALBANI, F. V. L. *Ordenação do advérbio sempre no português arcaico e no contemporâneo*. Dissertação de Mestrado em Linguística na UFRJ. Rio de Janeiro, 2007.
- AMORIM, C. M. da S.; ROCHA, L. H. P. da (Orgs.). *(In) transitividade na perspectiva funcionalista da língua*. Vitória: Edufes, 2008.
- BORBA, F. da S. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo, Ática, 1996.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais – Língua portuguesa*. Rio de Janeiro: MEC/DP&A, 2000.
- BUSSE, W.; VILELA, M. *Gramática de Valências*. Coimbra: Almedina, 1986.
- CEZÁRIO, M. M. da C. *Graus de integração de cláusulas com verbos cognitivos e volitivos*. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

FURTADO DA CUNHA, M. A ; SOUZA, M. M. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

HOPPER, P.; THOMPSON, S. A. Transitivity in Grammar and Discourse. In: *Language*, v. 56, n. 2, 1980.

NEVES, M. H. de M. A gramática escolar no contexto do uso linguístico. In: *Revista de Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 233-253, jul./dez. 2002.

OLIVEIRA, M.R. de.; VOTRE, S. *Corpus Discurso & Gramática - a língua falada e escrita*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

OLIVEIRA, M. R. de; CEZARIO, M. M. PCN à luz do funcionalismo lingüístico. In.: *Linguagem & ensino*. Pelotas, v. 10, n. 1, p. 87-108, jan. – jun.,2007.

PERINI, M. A. *A Sintaxe portuguesa: metodologia e funções*. São Paulo: Ática, 2001.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. Trad de A. Chelini , José P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix; USP, 1969.

SILVEIRA, E. S. da. *Relevância em narrativas orais*. Tese (Doutorado em Lingüística) - Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990.